

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

<p>PARIS ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg Assignaturas ANNO. 24 francos SEMESTRE. 12 " AVULSO. 1 " No resta da Europa 14 francos por semestre e 28 francos por anno.</p>	<p>2.º Anno. — Volume II. — Numero 18. PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1885 Director: MARIANO PINA</p>	<p>LISBOA DAVID CORAZZI, 22, R. da Atalaya. Assignaturas ANNO. 2.400 SEMESTRE. 1.200 TRIMESTRE. 600 AVULSO. 100</p>
--	--	---



A VELHICE DO PADRE ETERNO

ANDA agora de mão em mão, por Portugal e Brazil, causando as delicias dos Herejes, o desespero dos Catholicos, a raiva dos Padres e a admiração da Litteratura, — o novo poema de Guerra Junqueiro. Os jornaes fallam até com espanto da rapidez com que a edição se esgota. O facto não me

surprehende. O auctor é um grande artista que o publico comprehende e admira. Lê-lo constitue um prazer; e se em vez d'uma edição se não esgotam vinte d'um seu livro, não devemos queixar-nos do publico. Não é o publico que não compra — são os nossos editores que ainda não sabem vender, como vendem os editores francezes.

Porque o auctor me faz a honra de ser meu amigo de letras, *A Velhice* veio já ha muitos dias para cima da minha mēza. E hoje posso dar sobre o livro a minha opinião, depois d'uma leitura attenta, demorada, quasi sempre entrecortada de admirações e de risos. E que este bello poeta dispõe do alexandrino e das rimas d'oiro como se fosse um rico nababo oriental; tem ao seu alcance imprevisitas notas d'um lyrismo delicadissimo, coloridas como certas estrophes de Musset e de Gautier, e alegres como certos trechos de Bizet e de Deslibes; e a sua satyra vibra francamente no ar, como certas risadas de Voltaire e de Proudhon.

Vou pois dizer francamente o que penso acerca

d'este poema que é ao mesmo tempo um pamphleto; acerca d'este livro que é precioso como obra d'arte, mas que é irregular e fraco como obra de philosophia. E o que se segue vou dizel-o com tanta mais sinceridade e escrevel-o com tanta mais firmeza, quanto estou certo que Junqueiro ficaria mal comigo se eu lhe fosse chamar o que lhe chama agora toda a gente — « o primeiro poeta da Peninsula » e « o equal de Hugo e de Juvenal ». No meu paiz ainda se não perdeu a mania das alcinhas... Aqui está o motivo porque diante de cada nova obra d'arte que surge, a Critica geralmente só sabe cahir de joelhos, e queimar incenso. Ora o primeiro dever da Critica — é ver se effectivamente ha um Deus para incensar!

O POETA

Na *Velhice do Padre Eterno* surge-nos a espacos o mesmo artista, o mesmo Guerra Junqueiro que ensinou a ler á sua Musa nos livros de Hugo, de Musset, de Baudelaire, de Gautier

e de Nerval — e que nós já conheciamos da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias*.

Diz-se nos circulos litterarios de Portugal, que Junqueiro provém sómente de Hugo, que é apenas em Hugo que elle se inspira. E' um erro. Quem ler attentamente os seus primeiros livros, ha de ver que no poeta tambem influenciou, e muito, este pessimismo *hyroniano* adocado tristemente por uma certa melancholia d'espírito que paira em quasi toda a obra de Musset; ha de ver a sombra de Gautier em certos versos d'uma factura toda plastica e toda sensualista; ha de deparar com o mesmo pessimismo de Baudelaire, que de novo se revela na

*Valla commum — tasca nojenta,
Meça redonda sepulchral,
Aonde a toalha crapulenta
É um lençol róto do hospital,*

*E onde as larvas proletarias
Devoram — lugubres festins! —
Carcasas de heroes, ventres de parias,
Carcasas pódres de arlequins.*

ha de encontrar-se com as mesmas visões de Nerval, chimeras do azul que passam aos bandos... aos bandos... por sobre as nossas cabeças, perfumando o ar com as suas tranças d'oiro — mas que só os poetas, creaturas dotadas d'uma segunda visão, sabem ver e sabem cantar.

Eu não faço bem uma ideia do espanto de que ha de ser possuido um pacifico e circumspecto leitor, ao deparar com estes dois versos:

*Ó almas que viveis puras, immaculadas
Na torre de luar da graça e da illusão.*

UM GRUPO CELEBRE



EÇA DE QUEIROZ. — OLIVEIRA MARTINS. — ANTERO DO QUENTAL. — RAMALHO ORTIGÃO. — GUERRA JUNQUEIRO

O FIM DO POEMA

O fim a que se propõe *A Velhice do Padre Eterno* é desacreditar no espirito publico a Igreja e os padres. É por isso que todo este poema é formado de poesias onde muitas vezes, não a bôa e expontanea *satyra*, mas a *heresia* d'aquelles a que impropriamente se chamam « livres pensadores », é mettida á força para arrelhar o padre, e fazer empallidecer todo o leitor em cujo espirito ainda habita uma vaga poesia christá, feita de clemencia, de resignação e de fé.

Combater hoje a Igreja e o Papado, é tempo perdido. São cadaveres que nem mesmo um milagre de Deus os faria ressuscitar! É por isso que o fim principal da *Velhice do Padre Eterno* é perfeitamente inutil. Para destruir a superstição que ainda reste no espirito popular, basta-nos a eloquencia das linhas ferreas, cortando os campos, e das linhas telegraphicas, cortando os ares. A proporção que a Arte, a Litteratura e a Sciencia vão entrando no espirito do povo, vae de lá sahindo pouco a pouco o vasio da ficção religiosa. Atacar um Deus ou Deuses é admittir a sua existencia, o que é um erro, porque faz surgir a duvida. O poeta terá razão, ou não terá razão?... E o proprio poeta tambem cre n'um Deus? Para quê?...

MARIANO PINA.

O POETA SATYRICO

A parte mais brilhante da *Velhice* é aquella em que o poeta dá largas á sua satyra. É mesmo a parte mais importante do novo poema, por que nos deixa ver Junqueiro á vontade, inteiramente á vontade n'esta outra feição em que tanto se compraz o poeta. Eu estou mesmo em affirmar que as duas unicas feições da poesia de Guerra Junqueiro são o *lyrismo* e a *satyra* — o mesmo *lyrismo* que tanto abunda na obra de Hugo, e uma *satyra* que eu não encontro em nenhuma pagina do poeta dos *Châtiments*, tendo de subir até Voltaire para ver quanto ella vale, se o ouro é effectivamente de lei.

Poeta lyrico e poeta satyrico, Guerra Junqueiro, d'entre os modernos, é dos mais eminentes. Na nossa litteratura, o seu lyrismo é muito mais humano, muito mais vivido, que todo o lyrismo dos nossos Romanticos; e é um dos raros poetas portuguezes cuja satyra não precisa procurar o termo baixo ou obsceno para fazer rir a multidão.

A Velhice está cheia de exemplos preciosos.

1. "A Velhice do Padre Eterno"
Mariano Pina
A Illustração
N.º 18, 20 Set. 1885, p. 273-275